

GEORGE R.R.
MARTIN

A FÚRIA DOS REIS

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

LIVRO DOIS

LeYa

Ficha Técnica Copyright © George R. R. Martin Todos os direitos reservados.

Versão brasileira © 2011, Texto Editores Ltda.
Título original: A Clash of Kings

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora: Mariana Rolier Produção editorial: Sonnini Ruiz

Preparação de texto: André Albert e Suria Scapin
Revisão: Bel Ribeiro, Margô Negro e Vivian Miwa Matsushita Diagramação: Ricardo Nakamiti Adaptação de capa: Osmane Garcia Filho Ilustração da capa: Marc Simonetti © Éditions J'ailu

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP-Brasil)
Ficha catalográfica elaborada por Oficina Miríade, RJ, Brasil.

M381 Martin, George R. R., 1948—
A fúria dos reis / George R. R. Martin ; tradução: Jorge Candeias. – São Paulo : Leya, 2011.
656 p. : il. – (As crônicas de gelo e fogo ; 2) Tradução de: A clash of kings.
ISBN 9788580442793
1. Literatura americana. 2. Ficção fantástica americana I. Título. II. Série

11-0087 CDD-813

Todos os direitos desta edição reservados à texto editores ltda.
[Uma editora do grupo Leya]
Av. Angélica, 2163 – conj. 175/178
01227-200 – Santa Cecília – São Paulo – SP
www.leya.com

GEORGE R.R.
MARTIN

A FÚRIA DOS REIS

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

LIVRO DOIS

O NORTE



Mapa por James Sinclair

Prólogo A cauda do cometa espraiava-se pela madrugada, um corte vermelho que sangrava por cima dos penhascos da Pedra do Dragão como uma ferida num céu cor-de-rosa e púrpura.

O mestre estava em pé, na varanda varrida pelo vento, do lado de fora dos seus aposentos. Era ali que chegavam os corvos, depois de longos voos. Os excrementos das aves salpicavam as gárgulas, que se erguiam a uma altura de três metros e meio, de ambos os lados; um mastim do inferno e uma serpe,¹ dois dos mil exemplares que se empoleiravam nas muralhas da antiga fortaleza. Quando chegara à Pedra do Dragão, o exército de grotescas esculturas de pedra costumava deixá-lo incomodado, mas, com a passagem dos anos, foi se acostumando. Agora, pensava nelas como em velhas amigas. Os três observaram juntos o céu, tomados por pressentimentos.

O mestre não acreditava em presságios. E, no entanto... Apesar de ser tão velho, Cressen nunca vira um cometa com metade do brilho daquele, nem daquela cor, aquela cor terrível, do sangue, da chama e dos crepúsculos. Perguntou a si mesmo se suas gárgulas já teriam visto algo parecido. Já estavam ali muito tempo antes de ele chegar, e ainda lá permaneceriam muito depois de ele partir. Se línguas de pedra falassem...

Que tolice. Encostou-se nas ameias, com o mar batendo lá embaixo e a pedra negra áspera sob os seus dedos. Gárgulas falantes e profecias no céu. *Sou um velho acabado que se tornou de novo leviano como uma criança.* Teria a sabedoria duramente conquistada ao longo de uma vida inteira fugido com a saúde e a força? Era um mestre, treinado e acorrentado na grande Cidadela de Vilavelha. A que ponto chegara, se a superstição lhe enchia a cabeça como se fosse um camponês ignorante?

E no entanto... No entanto... Agora, o cometa brilhava até durante o dia, enquanto o vapor cinza-claro se erguia da cratera quente do Monte Dragão, atrás do castelo. E na manhã anterior, um corvo branco tinha trazido notícias da própria Cidadela, há muito esperadas, mas não menos temíveis por isso, notícias do fim do verão. Tudo presságios. Demasiados para ser negados. *Que significa tudo isso?*, ele quis gritar.

– Mestre Cressen, temos visitantes – Pylos falou suavemente, como se estivesse relutante em perturbar as meditações solenes de Cressen. Se soubesse dos disparates que lhe enchiam a cabeça, teria gritado. – A princesa deseja ver o corvo branco.

Sempre correto, Pylos a chamava agora *princesa*, visto que o senhor seu pai era um rei. Rei de um rochedo fumegante no grande mar salgado, mas ainda assim rei.

– O bobo veio junto.

O velho virou as costas à alvorada, mantendo uma mão pousada sobre a serpe a fim de se equilibrar.

– Ajude-me a chegar até a cadeira e mande-os entrar.

Tomando seu braço, Pylos o levou para dentro. Na juventude, Cressen caminhara com vigor, mas agora não estava longe do octogésimo dia do seu nome, e tinha as pernas frágeis e instáveis. Há dois anos um tombo lhe causara fratura de um lado da bacia, da qual nunca chegou a ficar

curado totalmente. No ano anterior, quando tinha adoecido, a Cidadela enviara Pylos de Vilavelha, apenas dias antes de Lorde Stannis ter fechado a ilha... para ajudá-lo nas suas tarefas, tinham dito, mas Cressen sabia a verdade. Pylos viera para substituí-lo quando morresse. Não se importava. Alguém teria de ocupar seu lugar, e em menos tempo do que teria gostado...

Deixou que o homem mais novo o acomodasse atrás dos seus livros e papéis.

– Vá buscá-la. É feio deixar uma senhora esperando.

O mestre acenou, um frágil gesto de pressa de um homem que já não era capaz de se apressar. Tinha a pele enrugada e manchada, tão fina como papel, de modo que se podia ver a teia de veias e a forma dos ossos por baixo. E agora tremiam, aquelas suas mãos que tempos atrás tinham sido tão seguras e hábeis...

Quando Pylos voltou, a garota veio com ele, tímida como sempre. Atrás dela, arrastando os pés e saltitando daquele seu estranho jeito torto, veio o bobo. Trazia na cabeça uma imitação de elmo, feito de um velho balde de estanho, com um par de chifres de veado atado ao topo e decorado com guizos que a cada passo deslizante soavam, cada um num tom diferente, *clang-a-dang, bong-dong, ring-a-ling, clong-clong-clong*.

– Quem vem nos visitar tão cedo, Pylos? – Cressen perguntou.

– Sou eu e o Malhas, Mestre.

Olhos azuis sinceros piscaram na sua direção. Infelizmente, o rosto dela não era belo. A menina possuía o queixo quadrado e projetado do senhor seu pai e as infelizes orelhas da mãe, bem como uma deformação só sua, o legado do ataque de um escamagris, um tipo de crocodilo, que quase a matara quando bebê. Da metade inferior de uma bochecha até bem abaixo no pescoço, tinha a carne rígida e morta, com a pele rachada e escamando, manchada de negro e cinza, lembrando pedra ao toque.

– Pylos disse que podíamos ver o corvo branco.

– Realmente podem – respondeu Cressen. Como se alguma vez pudesse lhe negar algo. A menina tinha enfrentado negativas demais na vida. Chamava-se Shireen. Faria dez anos no próximo dia do seu nome, e era a criança mais triste que Mestre Cressen conheceria. *Sua tristeza é a minha vergonha*, pensou o velho, *outro sinal do meu fracasso*. – Mestre Pylos, faça-me a gentileza de trazer a ave do viveiro para mostrar à Senhora Shireen.

– Será um prazer.

Pylos era um jovem educado, com não mais de vinte e cinco anos, mas era solene como um homem de sessenta. Se ao menos houvesse nele mais humor, mais *vida*; era isso que fazia falta ali. Os lugares sombrios precisavam de vivacidade, não de solenidade, e Pedra do Dragão era indubitavelmente um lugar sombrio, uma cidadela solitária no deserto de água, rodeada por tempestades e sal, com a sombra fumegante da montanha às suas costas. Um mestre tinha de ir para onde era enviado, e Cressen acompanhara seu senhor havia cerca de doze anos, e bem lhe servira. Mas nunca tinha amado Pedra do Dragão, nem se sentia verdadeiramente em casa ali. Nos últimos tempos, quando acordava de sonhos inquietos, nos quais a mulher vermelha tinha uma participação perturbadora, era frequente não saber onde estava.

O bobo virou sua cabeça manchada e malhada para observar Pylos subindo os íngremes degraus de ferro que levavam ao viveiro. Seus guizos soaram com o movimento.

– Debaixo do mar, as aves têm escamas em lugar de penas – ele disse, clangorejando. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Mesmo para um bobo, o Cara-Malhada era digno de pena. Talvez em outros tempos tivesse sido capaz de arrancar gargalhadas com uma frase de efeito, mas o mar lhe tinha roubado esse poder,